



A decisão dos Estados Unidos de não mais participar da reunião de Durban causou protestos

Brasil ainda espera resultados positivos

Embaixador diz que saída dos EUA era aguardada desde a abertura do encontro

JOSÉ MARIA MAYRINK

Enviado especial

DURBAN – O embaixador Gilberto Saboia, que assumiu a chefia da delegação brasileira na Conferência Mundial contra o Racismo, após o retorno do ministro da Justiça, José Gregori, ontem à noite, a Brasília, declarou esperar que a reunião tenha resultados positivos e equilibrados, apesar da retirada dos Estados Unidos.

Saboia lamentou a decisão do governo americano, mas não se surpreendeu. "Estava

para acontecer a qualquer instante, pois isso já vinha sendo esperado desde a abertura da conferência", disse. "Espero que, mesmo com a ausência dos Estados Unidos, esta conferência possa estabelecer as diretrizes necessárias para que todos os países continuem a combater o racismo."

O presidente da Associação Internacional de Advogados e Juristas Judeus, Daniel Lack, atribuiu a retirada da delegação norte-americana à "intransigência" do líder palestino Yasser Arafat e dos movimentos radicais palestinos. "Os Estados Unidos vinham tentando, há meses, resolver a questão", disse o jurista.

Segundo Lack, que é também representante do Congresso Judaico nas Nações Unidas,

em Genebra, classificou como "falsas" as acusações de que Israel tem um governo racista.

O rabino Henri Sobel, presidente do Rabinato da Congregação Israelita paulista e delegado brasileiro na conferência, emitiu nota afirmando que era previsível a retirada de Israel e Estados Unidos. "A conferência está sendo usada como palco para grupos anti-semitas e anti-sionistas, cujos interesses não têm nada a ver com o problema do racismo."

O secretário de governo palestino, Ahmad Adbelrahman, acredita que a decisão foi um duro golpe para o governo de Israel. "A partir de agora a comunidade internacional deve pressionar Israel e impor sanções para pôr fim à ocupação dos territórios palestinos", disse.